



## USO DE AGROTÓXICOS NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS: INTERVENÇÃO NO COLÉGIO MUNICIPAL AURINO FAUSTO DOS SANTOS NA COMUNIDADE DE JENIPAPO, NO MUNICÍPIO DE UBAÍRA-BA

Aline dos Santos Lima<sup>1</sup>  
Amanda Jacinto dos Santos<sup>2</sup>  
Maíra Vitória Moreira dos Santos<sup>3</sup>  
Maria Avanilda Novaes de Santana<sup>4</sup>  
Reinalda de Jesus Pedra<sup>5</sup>  
Silvio Marcio Montenegro Machado<sup>6</sup>

Eixo temático: Geografia e Educação

### Introdução

“‘Dicomer’ e ‘dibeber’ em tempos de veneno na mesa” é um projeto de extensão profissional, científica e tecnológica, que está em execução<sup>7</sup>. Este projeto foi idealizado e construído pelos integrantes do Grupo de Estudos Geografia dos Territórios e Espaços Rurais (GEOTER)<sup>8</sup> e do Núcleo de Estudos em Questões Agrárias (NEQA)<sup>9</sup>. Sua proposição foi motivada por discussões que vêm sendo feitas pelos membros do GEOTER e do NEQA desde a realização da “Feira de Saúde e Cidadania do IF Baiano *Campus* Santa Inês”, em outubro de 2018.

Desse modo, o Projeto de Extensão “‘Dicomer’ e ‘dibeber’ em tempos de veneno na mesa” propõe problematizar a existência de um modelo corporativo de produção e de distribuição de alimentos diretamente associado ao uso intensivo de agrotóxicos. Esse modelo se constitui numa ameaça a soberania e segurança alimentar necessários para a sobrevivência das sociedades em várias partes do mundo, pois, no contexto global de mundialização da economia, o direito à alimentação saudável, vem sendo violado em face do controle que as grandes empresas têm sobre o mercado de alimentos (STEDILE & CARVALHO, 2012). Essa realidade se faz presente em todos os estados da federação, o que exige dos professores-pesquisadores/discentes do IF Baiano *Campus* Santa Inês uma reflexão aprofundada desses processos.

Desta forma, se propõe refletir e discutir o processo de inserção e do uso de agrotóxicos na produção de alimentos no Brasil a partir do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, recorte espacial formado por 20 municípios baianos, são eles: Amargosa, Brejões,

<sup>1</sup> Professora do IF Baiano *Campus* Santa Inês, [aline.lima@ifbaiano.edu.br](mailto:aline.lima@ifbaiano.edu.br)

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia IF Baiano *Campus* Santa Inês, [amandinhaa1309@hotmail.com](mailto:amandinhaa1309@hotmail.com)

<sup>3</sup> Licencianda em Geografia IF Baiano *Campus* Santa Inês, [moreiravitoria35@gmail.com](mailto:moreiravitoria35@gmail.com)

<sup>4</sup> Licencianda em Geografia IF Baiano *Campus* Santa Inês, [marianovaes78@gmail.com](mailto:marianovaes78@gmail.com)

<sup>5</sup> Licencianda em Geografia IF Baiano *Campus* Santa Inês, [nalda\\_rjp20@hotmail.com](mailto:nalda_rjp20@hotmail.com)

<sup>6</sup> Professor do IF Baiano *Campus* Santa Inês, [silvio.machado@ifbaiano.edu.br](mailto:silvio.machado@ifbaiano.edu.br)

<sup>7</sup> “O projeto ‘Dicomer’ e ‘dibeber’ em tempos de veneno na mesa” é um projeto de extensão profissional, científica e tecnológica, (Edital Nº: 04/2019/PROEX/CPPEX/IF Baiano), que é coordenado por Aline dos Santos Lima. E-mail: [aline.lima@ifbaiano.edu.br](mailto:aline.lima@ifbaiano.edu.br)

<sup>8</sup> Grupo de Estudos Geografia dos Territórios e Espaços Rurais do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Baiano – Campus Santa Inês, coordenado pelo prof. Silvio Marcio M. Machado.

<sup>9</sup> Núcleo de Estudos em Questões Agrárias, grupo de pesquisa do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Baiano – Campus Santa Inês, coordenado pela professora Aline dos Santos Lima.



Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra (SEPLAN, 2015).

Segundo Bombardi (2017), Cravolândia, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara e Lajedo do Tabocal estão entre os municípios baianos com alta porcentagem de estabelecimentos que utilizam agrotóxicos no estado, sem contar nas elevadas taxas de intoxicação por agrotóxicos de uso agrícola em Itaquara e Itiruçu. Apesar de não figurar entre os municípios que fazem um maior uso de agrotóxicos nos dados sistematizados por Larissa Mies Bombardi, o município de Ubaíra foi selecionado para o desenvolvimento do projeto de extensão.

Ubaíra está distante 270 km da capital do Estado Salvador e possui uma população de 19.750 pessoas, sendo que 8.822 vivem na cidade (44,67%) e 10.298 vivem no campo (55,33%) (IBGE, 2010). Juntamente com Brejões, Elísio Medrado, Irajuba, Jiquiriçá, Laje, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino e São Miguel das Matas, Ubaíra contrapõe a tendência de urbanização, ou seja, sua população permanece, predominantemente, rural numa conjuntura em que tem sido comum o esvaziamento do campo (SILVA & SILVA, 1991; KAGEYAMA, 2008).

Além disso, dentre os vinte municípios do Vale do Jiquiriçá, Ubaíra tem a quarta maior área territorial, com 659 km<sup>2</sup> dividida em 3.051 estabelecimentos rurais<sup>10</sup>. Diante desse quadro, não seria aventurado afirmar que parte significativa dos 55% de habitantes que vivem no campo realizam suas condições materiais de existência a partir da produção agrícola, seja através do trabalho realizado nos 2.740 estabelecimentos da chamada agricultura familiar (89,9%) ou nos 311 estabelecimentos da agricultura não familiar (10,2%) (IBGE, 2006; 2010; 2017).

Parte dessas famílias, que vivem no espaço rural e lidam com a produção agrícola, tem seus filhos matriculados em uma das 33 escolas do campo distribuídas pelo município de Ubaíra (ROCHA & BISPO, 2019). Dentre essas unidades escolares, citamos o Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos em funcionamento, desde 2002, na comunidade de Jenipapo.

Diante desse contexto, o Projeto “‘Dicomer’ e ‘dibeber’ em tempos de veneno na mesa” se torna relevante e indispensável, tanto para a comunidade escolar, especialmente os estudantes, quanto para seus pais. Desse modo, a realização do Projeto de Extensão no Colégio Aurino se justifica, pelo fato da temática estar relacionada aos conteúdos pautados na disciplina de Geografia do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, assim como pela relação direta com o cotidiano dos alunos e de seus pais, familiarizados com a produção de alimentos no processo de socialização no mundo do trabalho.

### **Identificação e caracterização da escola parceira**

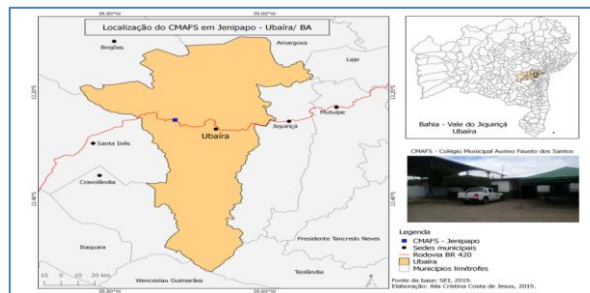
O Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos, está localizado na Praça São José, na comunidade rural de Jenipapo, no município de Ubaíra - BA (figura 1). O Colégio foi criado em 2002 e, a partir da Lei nº 219 de 13 de março de 2002, mudou o nome da unidade escolar de Colégio Municipal de Jenipapo, para o nome que recebe atualmente.

---

<sup>10</sup> Em termos de extensão territorial, Ubaíra fica atrás de Maracás (2.413km<sup>2</sup>), Planaltino (955km<sup>2</sup>) e Jaguaquara (924km<sup>2</sup>). Já no quantitativo de estabelecimentos rurais, Ubaíra se posiciona atrás, somente, de Mutuípe, município que possui 3.410 estabelecimentos dessa natureza (IBGE, 2006; 2017).



**Figura 01** – Localização do Colégio Aurino Fausto.



Fonte da base: SEI, 2019. Elaboração: Aila Cristina Costa de Jesus, 2019.

A escola da rede pública municipal, que oferta o Ensino Fundamental II, funciona em dois turnos, matutino, das 07:30 às 11:55, e vespertino, das 13:00 às 16:55. Em 2019, o CMAFS é formado por sete turmas, sendo 68 estudantes do sexo feminino e 83 estudantes do sexo masculino, contabilizando um total de 151 estudantes. Em suas maiorias negras e negros filhos de trabalhadoras e trabalhadores rurais e moradores do campo.

Os estudantes matriculados no Colégio vivem em Jenipapo e em outras comunidades próximas, como Cachoeirinha, Comum da Carlota, Lago do Boi, Otis, Pedrinhas, Sapucaia e Volta do Rio, além da presença de estudantes que residem na cidade de Ubaíra.

### **Caminhos percorridos**

Os procedimentos metodológicos para realização do projeto se constituem em três fases interdependentes.

Primeiro, a equipe executora realizou levantamento de textos que discutiam o uso e os impactos negativos dos agrotóxicos. Os textos foram selecionados, fichados e discutidos de forma coletiva pelos membros da equipe. Esse momento foi fundamental para alinharmos os discursos, construindo uma ideia coletiva de como abordar as discussões nas rodas de conversas que seriam realizadas.

O segundo passo, paralelo ao primeiro, foi a realização de trabalho de campo na escola parceira. Nessa etapa, tínhamos como objetivo conhecer o ambiente escolar. Esse contato foi fundamental para a organização das rodas de conversa sobre a inserção e o uso de agrotóxicos na produção de alimentos, bem como o contato prévio com a direção, professora de Geografia (parceira do projeto) e estudantes das turmas 7A, 7B, 8A, 8B e 9A.

A terceira etapa, a qual está em andamento, intitulamos como “Troca de saberes” entre a equipe do projeto e a comunidade escolar do CMAFS. Essa fase consiste na realização de cinco rodas de conversas sobre o uso de agrotóxicos na produção de alimentos, com estudantes da unidade escolar (turmas 7A, 7B, 8A, 8B e 9A). Para esse momento, os pais dos estudantes também foram/estão sendo convidados a participar, assim como direção, professoras e professores e demais funcionários.

A temática do Projeto de Extensão pode ser problematizada nas aulas da disciplina Geografia ofertada para os estudantes do 6º ao 9º do Colégio Aurino. Mas, na presente proposta, optou-se pela realização das rodas de conversas somente com as turmas do 7º ao 9º.

### **Trocas de saberes no Colégio Municipal Aurino Fausto Santos (CMAFS)**

Antes de darmos início as rodas de conversas com as turmas, participamos da reunião com pais e/ou responsáveis a fim de apresentar-lhes o projeto e convidá-los para participar



das discussões das rodas. A participação dos pais e/ou responsáveis nas rodas de conversas se torna importante, em primeiro lugar, para estreitar os laços entre a família e a escola e, em segundo lugar, para agregar nas discussões uma vez que a maioria deles trabalham no campo e fazem uso dos “remédios” (agrotóxicos).

Para tanto, construímos um roteiro de questões que foi aplicado na reunião de pais e/ou responsáveis com o propósito de conhecer a realidade dos estudantes e suas famílias no que se refere ao uso de agrotóxicos, principais lavouras, “remédios”, ou seja, os venenos utilizados no preparo da terra, no plantio e tratos culturais das culturas ubaïenses.

Foi por meio desse contato, possibilitado pela reunião, que os pais e responsáveis, provocaram para que fosse realizado um curso com o caráter mais prático. Dessa maneira, foi planejada uma oficina de produção alternativa de adubação com princípios agroecológicos. A atividade será realizada no dia 19 de novembro de 2019 por uma liderança do Assentamento Força Jovem<sup>11</sup> do município de Ubaïra, e um técnico agrícola do IF Baiano *Campus* Santa Inês, ambos com experiências em práticas de transição agroecológica.

Dentre as cinco rodas de conversas, duas foram realizadas, com o 8º ano A e B. A primeira roda de conversa foi realizada no dia 08 de outubro de 2019 no turno matutino com a turma do 8º A, formada por 26 estudantes. A segunda roda de conversa aconteceu no turno vespertino do dia 16 de outubro de 2019, com a turma do 8ºB composta por 14 estudantes. E, a terceira e quarta roda serão realizadas no dia 29 do mesmo mês e ano que as rodas anteriores, no turno matutino e vespertino, com as turmas do 7ºA e 7ºB, formada por 26 e 21 alunas e alunos, respectivamente. E por fim, a última roda de conversa que será realizada com a turma do 9ºA, no dia 25 de novembro de 2019.

As dinâmicas das rodas de conversas se deram da seguinte maneira: inicialmente, as integrantes do projeto se apresentaram e apresentaram a proposta do projeto para os participantes. Logo em seguida, os estudantes e convidados eram organizados em forma de círculos, (conforme figura 02), partindo do princípio da horizontalidade, dialogicidade e da troca de forma igual, sem hierarquia de saberes. Dessa forma, respeitando os saberes socialmente construindo na vida comunitária, aproveitando as experiências para problematização à luz da temática proposta (FREIRE, 1996).

**Figura 02** – II Roda de Conversa com os estudantes do CMAFS.



Fonte: Reinalda de Jesus Pedra, 2019.

Dada essa parte, solicitamos que os estudantes se dividissem por comunidade para o preenchimento do calendário agrícola. O referido calendário tem como objetivo fornecer

---

<sup>11</sup> O Assentamento Força Jovem, fruto do Programa Nacional de Crédito Fundiário mediado pelo SINTRAF e Ministério de Desenvolvimento Agrário, está localizado na zona rural do município de Ubaïra, a 23km da sede do município, conta com 20 famílias assentadas que vem trabalhando desde 2008 na produção de hortaliças e outras lavouras temporárias (TRABALHO DE CAMPO, 2017).



informações relacionadas ao tipo de cultura plantada, período de plantio, período de colheita e o agrotóxico utilizado.

Finalizada essa etapa partimos para a discussão sobre o uso de agrotóxicos. Para isso, foram exibidas charges sobre uso de agrotóxicos e contaminação do solo, da água e dos alimentos como provocação inicial para as discussões. A partir disso, foram realizadas a leitura das imagens à medida que íamos dialogando com os participantes. As charges foram apresentadas com o objetivo de dinamizar, buscar a interação, e interpretação crítica sobre a temática.

Posteriormente foram exibidos trechos selecionados do documentário “O veneno está na mesa II - Agroecologia para alimentar o mundo com soberania para alimentar os povos” de Silvio Tendler (2014) e gráficos e mapas extraídos do “Atlas Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Européia” de Larissa Bombardi (2017). Cabe ressaltar que os mapas com o recorte do estado da Bahia foram adaptados para destacar os municípios do Vale do Jiquiriçá, com isso, problematizar a realidade dos sujeitos envolvidos.

Em um segundo momento, dialogamos sobre a lógica da agricultura moderna, que, como afirma Bombardi (2017, p. 29)

[...] traz consigo a perda de direitos trabalhistas, a expulsão de camponeses de suas terras, a contaminação ambiental e ao mesmo tempo, uma grande intoxicação de trabalhadores rurais camponeses através do uso continuado de agrotóxicos.

Nessa perspectiva, para Bombardi (2017), o avanço a agricultura capitalista tem relação a com a permanência e crescimento da concentração fundiária no país, do trabalho em condições análogas ao de escravo e degradação do meio ambiente. Além disso, acrescenta-se os conflitos no campo e conseqüentemente a perpetuação do genocídio dos povos nativos.

Somado a exibição de trechos do documentário e dos gráficos e mapas, foram apresentados nas rodas de conversa, dados da contaminação de agrotóxicos na água de abastecimento das cidades do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, do período de 2014 a 2017, de acordo o Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano (SISAGUA). Os dados sistematizados são do Sisagua, do Ministério da Saúde, organizado por uma investigação em conjunto da Repórter Brasil, Public Eye e Agência Pública.

### **Considerações preliminares**

De modo geral, buscamos refletir com os envolvidos nas rodas sobre o uso de agrotóxicos e os males que causam não somente para os seres humanos, mas também os impactos negativos na contaminação dos alimentos, do solo, da água, do ar e dos animais. Ao longo das rodas de conversas alguns relatos, questionamentos, inquietações iam surgindo, dessa forma, permitindo que a discussão se aproximasse da realidade dos participantes.

Durante os diálogos, foi possível notar a preocupação por partes dos envolvidos sobre possíveis soluções para mudar o quadro que estava sendo apresentado. Como as rodas já foram pensadas para finalizar com o caminho que acreditamos ser o ideal na produção de alimentos, deixamos as inquietações para serem respondidas no fim.

O caminho apresentado como possibilidade é a agroecologia, uma vez que, além da produção de alimentos saudáveis, a produção agroecológica se preocupa com a qualidade de vida dos seres humanos e animais, a preservação do meio ambiente e a valorização do



trabalhador rural. A agroecologia, portanto, é o caminho proposto para a produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos.

### Referências

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões coma União Europeia**. São Paulo: FFLCH, 2017.

CHILES, João Marques. **Dícomer, díbeber ou coisa de velho? Agrobiodiversidade e a cultura alimentar geraizeira na comunidade de Pau D'Arco**. Brasília-DF: UnB, 2018. (Mestrado em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa/ Paulo Freire: Paz e Terra, 1996.**

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 7 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário**, 2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

KAGEYAMA, Ângela. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicações ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

O VENENO está na mesa 2. Direção de Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban, 2014. 1 documentário (71min.). Disponível em: <https://youtu.be/fyvoKljtvG4>. Acesso em 01 agosto 2018.

POR TRÁS DO ALIMENTO. Você bebe agrotóxicos? Descubra se a água da sua torneira foi contaminada, de acordo com dados do Sisagua. Disponível em: <https://portrasdoalimento.info/agrotoxico-na-agua//doc/1092295>. Acesso em: 21 de abril 2019.

RIGOTTO, Raquel Maria. ROSA, Islene Ferreira. Agrotóxicos. In: CALDART, Roseli Salete et. al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 88-96.

ROCHA, Ana Paula. BISPO. Edna Souza. **Escolas do campo 2019** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lineuneb@yahoo.com.br> em 28 mar. 2019.

SEPLAN. Secretaria do Planejamento da Bahia. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

STEDILE, João Pedro. CARVALHO, Horacio Martins de. Soberania alimentar. In: CALDART, Roseli Salete et. al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 716-725.